

O hipertexto eletrônico como base para reconfigurar a atividade jornalística

Angèle Murad¹

Resumo

Trabalho exploratório objetiva analisar como a ferramenta do hipertexto cria as bases para reconfigurar a atividade jornalística, ao proporcionar novas práticas de leitura e escrita, com o favorecimento à intertextualidade e à nova relação entre autor-obra-leitor. As potencialidades e os questionamentos que advêm da aplicação do hipertexto eletrônico para o jornalismo, bem como experiências em curso na rede, revelam a urgência de se realizar pesquisas aplicadas para analisar as práticas.

Palavras-chave

jornalismo; hipertexto; internet

Introdução

O mundo da comunicação está em plena ebulição. Amparadas nas tecnologias digitais e na convergência multimídia, as transformações atingem tanto a estrutura e propriedade dos veículos, quanto a pesquisa, produção e difusão da informação. O objetivo deste trabalho é mostrar como a ferramenta do hipertexto eletrônico, empregada na produção dos conteúdos para a Internet, cria as bases para novas práticas de escrita e leitura de textos e quais as possibilidades que se abrem para a atividade jornalística.

De antemão, parte-se da premissa de que a técnica é invenção humana inserida no mundo social, produto de relações políticas, econômicas e culturais e também agente transformador do homem, da cultura e da sociedade. Nesse sentido, a atividade jornalística na rede é resultado da criação de novas estruturas e da remodelação de configurações existentes. Comporta, pois, experiências que, ora isoladas, ora em conjunto, vêm delineando as transformações nesse campo de conhecimento.

¹ Angèle Murad é especialista em Políticas de Comunicação Organizacional, mestranda em Comunicação pela UFF, jornalistaclass="Apple-converted-space" .

O texto não tem a pretensão de avaliar a produção jornalística na rede, mas tão somente de elencar as possibilidades de explorar as potencialidades do hipertexto, como a pluralidade de vozes, a organização multilinear, a heterogeneidade e a reconfiguração da autoria. As referências a sites e a experiências na rede cumprem tão somente a função de exemplificar conceitos e categorias discutidas.

As idéias estão reunidas em blocos. Primeiro, busca-se definir a gênese da ferramenta “hipertexto” para a base informática. Em seguida, são apresentados os princípios que norteiam o emprego do hipertexto, relacionando-os a conceitos como interatividade e digitalização. Por fim, procura-se relacionar as possibilidades e questões referentes à aplicação dessa tecnologia para o jornalismo digital.

A idéia do hipertexto eletrônico foi enunciada por Vannevar Bush em 1945, com a publicação do artigo “As we may think”. No paper, o matemático e físico descrevia o funcionamento do Memex – MEMory IndDEX -, dispositivo imaginário capaz de automatizar a recuperação de dados e, assim, ajudar estudantes face à explosão de informações e à dificuldade em selecioná-las para uso em determinado momento.

Bush percebeu que o problema estava na indexação: as informações eram organizadas de forma hierárquica e classificadas apenas sob uma única rubrica, enquanto que a mente humana funcionava de maneira diferente, por meio de associações. Então, propôs uma indexação associativa paralelamente à indexação clássica, em que os textos mantinham ligações entre si, independentemente da classificação hierárquica.

A máquina imaginária de Bush abriu caminho para se configurar a textualidade virtual, com a concepção de blocos de textos unidos por links e dispostos em forma de rede. O termo “hipertexto” foi cunhado, nos anos 60, por Theodore Nelson, para exprimir a idéia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática. Segundo ele, o hipertexto representa a “escrita não seqüencial – texto que ramifica e permite escolhas do leitor, melhor lido em uma tela interativa. Como concebido popularmente, esse é uma série de pedaços de textos conectados por links que oferece ao leitor diferentes caminhos”².

Na base informática, isso se traduz em um conjunto de nós (palavras, páginas, imagens, gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos) não ligados linearmente, mas com conexões de modo reticular. Assim, o termo designa, na área de informática, a forma do texto eletrônico, nova tecnologia de informação e ainda o modo de publicação, sendo empregado também em outros campos de conhecimento, nos quais possui significados distintos³.

² Citação extraída de LANDOW, George P. **Hypertext** : the convergence of contemporary critical theory & technology. Disponível: <http://landow.stg.brown.edu/nt/contents.html> .

³ O termo apresenta grande polissemia, sendo aplicado em diversos campos de conhecimento, dentre os quais, ciências da linguagem e da cognição, cibernética, história do livro e da escrita, teorias e sistemas de comunicação. A concepção de organizar informação por associação não é exclusiva da informática, estando já presente no enciclopedismo. Ainda que limitada, a ligação de blocos de textos

Do ponto de vista da tecnologia de informação, o hipertexto eletrônico funda-se em ambiente informático que, por um lado, favorece a interação amigável, com a representação icônica das estruturas de informação e dos comandos, a tela gráfica de alta resolução, os menus que orientam os usuários e o mouse, que permite uso de forma intuitiva. Por outro, revela os inconvenientes de uma superfície reduzida para acesso direto em um mesmo instante, como se fosse um pacote dobrado⁴.

A aplicação do hipertexto eletrônico encontra-se associada às noções de rede, interatividade e digitalização, como se buscará mostrar a seguir. Para isso, adotar-se-á o seguinte percurso: apresentação dos princípios que regem a estrutura do hipertexto e definição das características do dispositivo eletrônico.

Segundo Lévy⁵, a estrutura do hipertexto constitui-se a partir de seis princípios, que se encontram interligados:

- a) princípio da metamorfose: a composição, a extensão e a configuração da rede hipertextual estão em constante mudança. A dinâmica explica-se pela permanente abertura da rede ao exterior (princípio da exterioridade) e pela multiplicidade de conexões possíveis (princípio da heterogeneidade). A real forma, dimensão e estrutura da rede não são passíveis de serem apreendidas;
- b) princípio da heterogeneidade: tanto os nós quanto as conexões entre eles são heterogêneos. Textos, sons, imagens compõem uma linguagem única, integrados pela digitalização, e podem compor uma mesma mensagem. A apreensão numérica da realidade permite que as conexões entre elementos heterogêneos (por exemplo, texto-imagem) se processem automaticamente e com um grau de precisão quase absoluto;
- c) princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas: a organização do hipertexto é fractal, ou seja, qualquer nó ou conexão revela-se composto por toda uma rede. Tem-se a imagem de que cada hipertexto é um subhipertexto de um hipertexto maior;
- d) princípio de mobilidade dos centros: a rede hipertextual não tem um centro único, mas diversos centros móveis e temporários, em torno dos quais se organizam infinitos rizomas;
- e) princípio da exterioridade: não há unidade orgânica nem motor interno e a rede encontra-se aberta permanentemente ao exterior, o qual é responsável pelas suas configurações e reconfigurações constantes. Esse princípio caracteriza a permanente

verifica-se na escrita, com a nota de rodapé. Há, também, romances escritos de forma hipertextual, em que o leitor experimenta diversos percursos de leitura.

⁴ LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência** : o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993, p. 36.

⁵ Ibidem, p. 25-26.

abertura da rede hipertextual ao exterior. Interior e exterior não são nitidamente determinados, estabelecendo-se, tópica e momentaneamente, fronteiras móveis, apenas com finalidades operacionais. No momento em que se aciona um link, o que então está no exterior de determinado hipertexto passa a integrá-lo; e

- f) princípio da topologia: a rede constitui-se o próprio espaço em que são traçados distintos percursos hipertextuais. É aí onde se multiplicam as conexões. Esse princípio designa que a rede hipertextual funciona na base da proximidade, à medida que os links aproximam espaços e temporalidades – é possível, por exemplo, lincar um texto do dia com outro de arquivo, ou ainda informações produzidas em países distantes geograficamente.

Fundadas nesses princípios, delineiam-se as características que, imbricadas, reconfiguram a escrita e a leitura no ambiente informático por meio do emprego do hipertexto eletrônico. Antes de mais nada, é preciso ressaltar que não existe um hipertexto geral, mas níveis de hipertexto que se apresentam conforme a realização do que a ferramenta oferece como potencialidade.

A conexão em rede se traduz na multilinearidade, ou seja, nos múltiplos percursos possíveis de leitura linear construídos pelo leitor por meio do hipertexto. À multilinearidade conjuga-se as noções de descentralização/recentralização e quebra de hierarquia. A rede não tem um núcleo central, mas centros provisórios. A partir de qualquer nó, é possível migrar para outros elos, por meio de conexões plurais. Cada leitor, ao estabelecer seu percurso, configura uma linearidade específica, provisória, de acordo com os seus interesses⁶.

Na prática, isso significa que qualquer um, ao usar o hipertexto, conforme seu interesse, pode organizar o texto e transformar qualquer documento em centro transitório. Por isso, nenhum leitor é aprisionado por um tipo de organização particular de hierarquia, ainda que esta possa ser sugerida, em alguma escala, pelo autor.

Do ponto de vista de produção, o hipertexto eletrônico pode comportar uma estrutura axial e/ou em rede⁷. Ao adotar a primeira, o autor propõe a estrutura linear do texto impresso como eixo primário de organização, sendo que os complementos irradiam do texto em forma de árvore. A adoção da segunda estrutura pressupõe uma organização dispersa e em centros múltiplos.

O hipertexto potencializa, assim, a leitura multisequencial e a construção de sentidos, noções já presentes no suporte impresso. É notório que qualquer texto só adquire sentido por

⁶ PALÁCIOS, Marcos. **Hipertexto, fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva**. Disponível: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/hipertexto.html>.

⁷ LANDOW, George P. **Qué puede hacer el crítico?** – la teoría crítica em la edad del hipertexto. Barcelona : Paidós, 1997, p. 41

meio da leitura. É ali onde são feitas as associações propostas ou não pelo autor, onde ocorre a interpretação e se produzem as suas significações⁸.

Quanto à multiseqüencialidade, o livro contém no texto principal, por exemplo, os símbolos que remetem o leitor à nota de rodapé, onde há referência sobre o próprio texto ou de outros textos. A diferença é que no texto impresso as referências encontram-se distantes espacialmente do texto principal e entre si e, depois de lê-las, retorna-se ao texto principal. Mesmo os romances impressos hipertextuais, o leitor não abandona o texto principal, ainda que possa construir múltiplas linhas de história.

Com o hipertexto eletrônico, a possibilidade de se construir vários percursos de leitura muda não só a experiência de ler quanto a natureza do que se lê, com a multiplicidade de possibilidades de produção de sentidos.

Assim, o hipertexto eletrônico favorece e fortalece a intertextualidade, isto é, a abertura do texto ao exterior, cujas fronteiras, como se viu, são temporárias e móveis. O conceito designa comumente o ato de conectar textos de sites distintos a partir de temáticas semelhantes, em comparação à intratextualidade⁹. Mas se refere também à abertura do texto ao leitor, situado fora (ainda que provisoriamente) do hipertexto. Nesse sentido, Parente¹⁰ relaciona a intertextualidade aos processos de leitura, ou seja, à rede de interconexões de sentidos. O grau em que se dá essa abertura denota os níveis do hipertexto eletrônico, que vão do mais simples, quando a contribuição do leitor se limita à seleção do percurso de leitura, aos mais complexos, em que o leitor pode adicionar mais texto e este ser compartilhado por outros leitores¹¹.

Daí advém outra característica potencial do hipertexto, que é a multivocalidade, isto é, a possibilidade de o texto não ser elaborado por apenas uma pessoa, colocando em xeque os papéis do autor e leitor. Na prática, isso pode significar a produção de uma obra coletiva e anônima.

A intertextualidade encontra-se, então, associada ao conceito de interatividade, à capacidade de interação entre obra, leitor e autor. Segundo Primo & Cassol¹², a interatividade deve ser avaliada não mais do ponto de vista dos pólos (emissor e receptor), mas da relação que mantêm entre si.

O conceito de interatividade abriga desde o mais nível elementar, que é o reativo, em que a escolha do leitor se faz a partir de um leque de opções dadas pelo autor. À medida que se

⁸ Sobre a virtualização do texto, ver LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo : Ed. 34, 1996, capítulo 3 : A virtualização do texto, p. 35-49.

⁹ O conceito de intratextualidade diz respeito à conexão de textos localizados em um mesmo site que guardem relação temática entre si.

¹⁰ PARENTE, André. O hipertextual. **Famecos** [on line], Rio Grande do Sul, 1999. Disponível:<http://ultra.pucrs.br/famecos/10-17.html> .

¹¹ LANDOW, op. cit., nota 6, p. 26.

¹² PRIMO, Alex F. T., CASSOL, Márcio, B. F. Explorando o conceito de interatividade : definições e taxonomias. **Espiral Interativa** [on line]. Disponível:<http://usr.psico.ufgrs.br/~aprimo/pb/espiralpb.htm> .

torna mais complexo, o hipertexto eletrônico vai dissolvendo as fronteiras entre leitor e escritor, que ocupam o mesmo ambiente: trata-se da interação mútua. Nesse nível, “a separação entre autor e leitor será apenas uma contingência, nunca absoluta, e reversível a qualquer momento”¹³. os pólos emissor e receptor são intercambiáveis e dialogam entre si, denotando a bidirecionalidade do processo.

O conceito de intertextualidade associa-se ainda à característica de não fechamento do hipertexto eletrônico. A permanente abertura do texto ao exterior frustra a expectativa de um fim, que advém da narrativa tradicional. No hipertexto eletrônico, as múltiplas conexões permitidas ameaçam o fechamento habitual, pois encorajam o leitor a começar a ler um texto novo sem ter concluído o anterior. O não fechamento está embutido na própria constituição do hipertexto eletrônico, que se apresenta em constante mutação e expansão. Na prática da leitura, essa característica se revela nas incertezas do leitor quanto ao fim do texto, à quantidade do que foi lido e do que ainda resta a ler.

A metáfora do labirinto ajuda a entender como se dá a experiência de leitura no hipertexto eletrônico¹⁴. O labirinto revela-se, para os gregos, como uma peça de arquitetura que representa o máximo grau de complexidade para a mente humana. O problema para o visitante não é achar a saída, mas seguir sem se perder, experimentando todas os caminhos possíveis. Enfim, mais do que encontrar a saída, o importante é conhecer o labirinto como um todo. Revela-se, pois, convite a uma expedição exploratória, sem mapa.

Além disso, o navegador, que carece de uma visão geral do labirinto, é chamado a decidir a cada bifurcação e precisa ser inteligente para não ficar dando voltas infinitas. Multiplicidade de possibilidades de experiências de tempo e espaço simultâneas, obrigatoriedade em decidir localmente e desconhecimento da totalidade caracterizam a leitura com o hipertexto eletrônico.

O hipertexto eletrônico e o jornalismo

O próximo passo é, retomando as características e princípios que norteiam o hipertexto eletrônico, mostrar as implicações para o jornalismo digital. O princípio da metamorfose traduz-se na possibilidade de se atualizar e acrescentar informações a qualquer momento, tornando a cobertura jornalística mais ágil.

Frente ao desafio de se ter um jornalismo em tempo real e às dificuldades técnicas de operacionalizá-lo – incluindo aí não só as limitações dos programas de edição em HTML, como

¹³ MACHADO, Arlindo. **Hypermedia** : the labyrinth as metaphor.

Disponível:<http://www.pucsp.br/~cos-puc/arlindo/hypermed.htm> .

¹⁴ ibidem.

o próprio modelo tradicional de produção jornalística, pautado em horários rígidos de fechamento de edições -, a maioria dos jornais e também algumas revistas digitais adota uma opção intermediária: os serviços de últimas notícias¹⁵. Em geral, são resumos dos acontecimentos mais recentes difundidos pela equipe de redação ou pelas agências de notícias, que compõem um link do site, disponível logo na página inicial. Registra-se também iniciativas de atualizações diárias da manchete e chamadas de primeira página.

O grande desafio para o leitor de uma publicação digital é conviver com a angústia de não ter o domínio da rede, de desconhecer a sua extensão e o mapa de suas reconfigurações. Nesse sentido, mostra-se louvável a iniciativa do site da Folha de São Paulo (<http://www.uol.com.br/fsp/> que computa o horário da última inserção de informações no canto superior da página inicial, buscando promover atualização em tempo real.

Além de inclusão de informações, a rede hipertextual encoraja também mudanças constantes no layout da página, que precisam ser promovidas sem que ameacem as relações de referência do leitor para com o veículo. Alguns elementos devem ser mantidos para permitir essa identificação.

O princípio da heterogeneidade representa, para o jornalismo digital, o uso de recursos como textos, fotos, imagens, mapas e áudio, integrados na mesma mensagem. O texto nem sempre é a melhor maneira de comunicar; o uso de imagens ou áudio pode tornar a informação mais credível ou impactante. E ainda indica a conexão de informações com temporalidades e espacialidades distintas¹⁶.

No que se refere às temporalidades, uma prática comum tem sido o de disponibilizar os arquivos das edições passadas, mediante serviços de busca ou de links com as datas de publicação. O acesso aos arquivos, dependendo do veículo, pode ser ou não tarifado¹⁷. Outra aplicação, restrita a alguns assuntos e jornais, tem sido o de remeter o leitor, por meio de links ou do mecanismo de busca, a informações ou matérias de arquivo, para melhor contextualizar a notícia¹⁸.

¹⁵ Exemplos desses serviços: Plantão, do Globo online (www.oglobo.com.br), Índice Geral de Notícias, da Revista Época (www.epoca.com.br). As referências feitas a esses e outros sites jornalísticos dizem respeito às observações feitas quando da redação deste texto, podendo não estarem mais disponíveis na rede em função de mudanças nas referidas páginas.

¹⁶ A título de ilustração, ver a página 500 Anos, da Revista Época (<http://www.epoca.com.br>), que reúne os links para matérias que de alguma forma se relacionam ao tema, publicadas em várias edições.

¹⁷ O JB on line (<http://www.jornaldobrasil.com.br/>), por exemplo, disponibiliza gratuitamente os arquivos das últimas sete edições. Depois desse prazo, o serviço é pago.

¹⁸ A área de esportes é um bom exemplo. A página do Globo On line (<http://www.oglobo.com.br>) traz, por exemplo, a retrospectiva dos jogos anteriores, a programação dos próximos certames e a cobertura dos últimos eventos. Já o site do Estadão (<http://www.estado.com.br>) oferece pesquisa sobre o Campeonato Brasileiro de Futebol, abordando as goleadas, campanhas e confrontos dos times.

A heterogeneidade descende diretamente das tecnologias digitais, que permitem guardar a memória dos veículos, uma vez que as informações são processadas automaticamente, com um grau de precisão quase absoluto, muito rapidamente e em grande escala quantitativa. Registra-se, nesse sentido, a iniciativa de jornais de digitalizar conteúdos editoriais anteriores à era eletrônica, inclusive os muito antigos, e disponibilizá-los na rede. O jornal norte-americano Chicago Tribune, por exemplo, investe na montagem de um banco de dados que, dentro de três anos, deverá permitir o acesso a matérias publicadas desde 1849¹⁹.

Quanto à multiplicidade de experiências espaciais (princípio da topologia), constata-se que, diferentemente do jornal impresso, dotado de espaços limitados e homogêneos para a disposição das notícias, na publicação digital a rede hipertextual aproxima assuntos distintos e permite ir a outro por meio de um simples clique. Acrescenta-se a isso o fato de a Internet atrair leitores não mais pelo critério geográfico, mas por interesse temático.

As novas relações com o tempo e o espaço, engendradas pelo hipertexto eletrônico, refletem-se na interação entre as esferas do local e global. Mesmo no meio digital, o jornal continua sendo uma preciosa fonte para notícias locais. O que se abre é a possibilidade de conectar, em tempo real, a esfera local à global.

A heterogeneidade de conexões e nós permite melhor tratamento da informação em termos de visual e de contextualização, mas exige cuidados na exploração dos recursos. O grande desafio para os jornalistas consiste em enriquecer a informação e, ao mesmo tempo, garantir o acesso a ela. A exploração de recursos de áudio e vídeo ainda encontra limitações de ordem técnica, traduzindo-se muitas vezes na lentidão da conexão.

Soma-se ao tempo de descarga lento a legibilidade deficiente: segundo pesquisa do Instituto Nielsen, ler na Web é 25% mais difícil em comparação ao jornal, por causa da resolução da tela²⁰. É preciso, pois, ter o domínio completo do recurso técnico para bem explorá-lo, como serviço ao leitor, sugerindo-lhe um mínimo de orientação, por meio do menu, e também permitindo-lhe a expedição exploratória, se assim ele desejar. Os links devem, pois, representar relacionamentos coerentes para não confundir o leitor.

As informações podem ser buscadas de modo aleatório ou objetivo pelo leitor. Enquanto os “surfistas” se contentam em tornar o texto uma expedição exploratória, os

¹⁹ O projeto do jornal americano é que o público tenha acesso ao banco de dados por meio das bibliotecas. Ver OUTING, Steve. Em defesa da digitalização de arquivos antigos. **Mundo Digital** [on line]. Disponível: <http://www.uol.com.br/internet/colunas/parem/par271099.htm>.

²⁰ Estudos para medir a legibilidade em sites apontam que são melhores lidos os textos on line com sentenças curtas e de estrutura gramatical simples. Os links embutidos, cercados por texto, revelaram-se estorvo para a leitura, uma vez que podem desviar a atenção do leitor. Os pesquisadores baseiam-se na constatação de que a maioria dos leitores é “scanners”, ou seja, vê a notícia como imagem. Sobre como escrever para a Net, ver RICH, Carole. **Redação jornalística para a Web**: um estudo para o Instituto Polinter de Estudos de Mídia. Tradução de José Antônio Meira da Rocha/Agência Experimental de Jornalismo da Unisinos. [S.I. : s.n., 19--]. Sobre como se pensa por imagens, consultar DAMÁSIO, Antônio R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo : Companhia de Letras, 1986.

“pesquisadores” estão à procura de determina informação e tem pressa em obtê-la. Diante de um mar de conexões, o importante é o leitor definir os objetivos para não fazer da metáfora do labirinto uma experiência angustiante e inútil.

O princípio da multiplicidade e de encaixe de escalas é representado, no jornalismo digital, pela conexão em rede das informações, de forma que de qualquer nó/matéria o leitor seja capaz de atingir outro ponto. O ideal é o que o leitor não precise dar mais de três cliques para obter a informação que deseja, segundo Bill Skeet, projetista norte-americano na área de novas mídias²¹.

O site jornalístico deve garantir a navegabilidade, utilizando recursos que facilitem a navegação e a localização dos usuários dentro do site. A ferramenta mais usada tem sido a barra do menu, presente em todo o site, geralmente na parte superior ou lateral da página. Embora seja próprio do hipertexto eletrônico a estrutura em rede, a edição também pode beneficiar-se da estrutura axial, que lembre o produto impresso, auxiliando na navegação. Segundo McAdams²², a metáfora do jornal ajuda o leitor a criar familiaridade com o produto digital. Talvez seja por isso que a maioria reproduz no meio digital as seções do produto impresso²³.

A estrutura em rede permite ao leitor do jornal digital saltar de um texto a outro, fazendo tanto a leitura linear clássica, quanto percursos individuais, conforme seus desejos e intuições. Desta forma, elege, ainda que momentaneamente, o centro do seu interesse (princípio de mobilidade dos centros). Essa mobilidade pode trazer um problema: o leitor pode conectar-se a todos os textos, experimentar todos os percursos, mas não ler a totalidade de nenhum deles.

Além da tarefa de orientar o usuário, o site jornalístico também precisa desempenhar o papel de atender aos distintos tipos de leitores, organizando as informações em níveis, do superficial ao profundo. Segundo Rich²⁴, cada matéria tem um microelemento, isto é, a essência da história, que deve ser linear e coerente. Os macroelementos são as informações contextuais e correlatas e devem ser organizados de forma a atender aos níveis diferentes de informação demandados pelo leitor.

Traduzindo, os microelementos representam a resposta às perguntas básicas – o que, quem, quando, onde, como, por quê – e a estrutura como um todo lembra a pirâmide invertida,

²¹ Citado por OUTING, Steve. Grupos editoriais levam a sério a questão dos lucros na net. **Mundo Digital** [on line]. Disponível: <http://www.uol.com.br/internet/parem/par1811.htm>.

²² MCADAMS, Melinda. **Inventing an Online Newspaper**. Disponível: listserver@guvm [listserver@guvm.georgetown, edu]. Julho, 1995.

²³ Apesar disso, há um grande esforço para dar um tratamento diferenciado à página inicial do produto digital. Mesmo assim, há aqueles que, fazendo referência à edição impressa, incluem as suas capas como imagem. O Hora do Povo on line (<http://www.horadopovo.com.br>) é um *casus sui generis*:: como página inicial, tem-se a capa do jornal impresso reproduzida como imagem. O leitor é capaz de ler os títulos, mas não as chamadas. Ao clicar sobre os links, tem o texto da chamada com indicação da página correspondente à edição impressa. Nas páginas com as matérias na íntegra, o site também reproduz a como ela foi editada na versão de papel. Exemplos como esse, longe de ajudar o leitor a se familiarizar com o produto digital, revelam a baixa exploração dos recursos hipertextuais.

²⁴ RICH, op. cit., nota 19.

técnica clássica de organizar a informação jornalística. Como muitos jornais digitais ainda estão atrelados ao modelo impresso, acabam por não explorar essa demanda de níveis diferenciados de interesses.

Duas boas referências quanto à aplicação desse conceito são os sites de O Globo (<http://www.oglobo.com.br>) e da Revista Encruzilhada²⁵ (<http://encruzilhada.cjb.net>), publicação digital nas áreas de mídia e cultura. A página inicial do Globo On apresenta títulos clicáveis que remetem às matérias que, por sua vez, trazem links para outras informações afins e mais detalhadas, incluindo, por exemplo, íntegra de leis e a cobertura anterior dispensada ao assunto. A proposta da Revista Encruzilhada segue linha semelhante: a cada edição, são abordados dois temas – um ligado à mídia e o outro à cultura –, com a apresentação dos seus principais aspectos e links para maior aprofundamento.

A demanda por níveis distintos de interesses por parte do leitor é alimentada pelo princípio da exterioridade e da conexão em rede. A abertura permanente do texto ao exterior (que, como se viu, tem fronteiras móveis) contribui para o enriquecimento da informação jornalística. A intratextualidade (conexão de matérias e informações de mesma temática dentro do mesmo site) tem mais bem explorada pelas publicações digitais do que a intertextualidade (conexão de matérias e informações de mesma temática entre sites distintos).

Duas boas indicações de exploração de intertextualidade são o JB on line (<http://www.jornaldobrasil.com.br/>) e Globo On (<http://www.oglobo.com.br>)²⁶. Os links, geralmente, remetem a sites cujos conteúdos relacionam-se à temática das editorias. Ainda que não seja uma prática estimulada pelos veículos, isso abre a possibilidade de, em alguns casos, o leitor interessado buscar mais facilmente as informações das fontes originais e confrontá-las às publicadas no jornal digital.

O princípio da exterioridade traz um desafio para o leitor, qual seja, o de conciliar a possibilidade de ter acesso a mais e mais informação com a angústia que essa overdose possa trazer, isto é, a sensação de que ainda falta muito a conhecer e não se sabe a dimensão real da rede intertextual. Por outro lado, o desconhecimento da totalidade e o não fechamento, característicos do hipertexto eletrônico, podem ser explorados para tornar a leitura um convite à exploração.

²⁵ A Revista Encruzilhada é resultado de projeto final do curso de Comunicação Social da UFMG, desenvolvido pelos alunos Bernardo Esteves e Carlos F. d'Andréa no segundo semestre de 1999, sob a orientação dos professores Elton Antunes e Regina Mota.

²⁶ O Jornal do Brasil on line traz, por exemplo, na seção de Economia uma lista de links relativos à editoria, com endereços de sites eletrônicos da Anistia Internacional, Organização Internacional do Trabalho (OIT), Banco Mundial, FBI, CIA, Intel, Organização das Nações Unidas, dentre outros. Outro bom exemplo notado é o Caderno de Viagens, em que uma matéria sobre turismo em Paris vem acompanhada de links para sites sobre a França (previsão do tempo, mapas, metrô, produção de vinho, moda, museus etc). A mesma prática tem sido a do Globo On: a seção de Esportes traz links para sites de clubes, federações e associações esportivas e páginas pessoais de desportistas; já da página de educação é possível migrar para sites de várias universidades brasileiras.

A abertura do texto ao exterior remete à questão dos níveis de interatividade praticados nas publicações digitais. Moraes²⁷ identifica a prática de três níveis. O nível 1 caracteriza-se pela possibilidade de se entrar em contato com jornalistas ou webmasters do site por meio de e-mails, para fazer reclamações, dar sugestões ou solicitar informações. O nível 2 contempla as experiências em que o leitor é chamado a opinar a partir de um leque de opções dadas. O nível 3 compreende as práticas em que o leitor é chamado a contribuir na construção da notícia, inserindo comentários ao texto publicado.

Os níveis 1 e 2 indicam a interação reativa e são amplamente praticados no jornalismo digital. Jornais e revistas disponibilizam para os leitores os e-mails de editores, colunistas e chefes de reportagem e/ou caixa eletrônica da redação. Outra prática comum tem sido a de fazer consultas on line em que os leitores são chamados a opinar sobre assuntos polêmicos, que compõem a atual agenda jornalística, ou sobre a edição dos jornais²⁸. No que se refere ao leque de respostas oferecida, em alguns casos o leitor é chamado a decidir entre sim e não; em outros, a escolher uma das opções relacionadas no site.

Há também o serviço interativo comumente conhecido como fórum, em que o leitor, fazendo uso de um formulário, a partir de uma pergunta semiaberta escreve a sua opinião. Ao enviá-la, essa passa a ser disponibilizada no ar junto com as opiniões de outros leitores²⁹.

Já o nível 3, que representa a interação mútua, vem sendo, praticado sobretudo, por publicações digitais de universidades e centros de pesquisa em comunicação. Um exemplo é a proposta da Revista Encruzilhada (<http://encruzilhada.cjb.net>), projeto ligado à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A publicação tem duas dimensões que são complementares: no website, a revista introduz os temas e uma lista de discussão, em que os leitores pode debater com todos os inscritos os assuntos de cada edição.

Outra experiência interessante é a do Planeta Virtus (<http://www.cac.ufpe.br/actvirt/planeta/>), desenvolvida pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O projeto experimental da UFPE também parte de conteúdos temáticos. O leitor é chamado a dar a sua opinião sobre o assunto por meio do preenchimento de um formulário. Ao enviá-lo, sua opinião passa a compor imediatamente o rodapé da página.

A nova relação que o hipertexto eletrônico desenha entre autor e obra coloca em cheque a propriedade intelectual. O próprio ambiente telemático, marcado pela volatibilidade e fugacidade de conteúdos, torna frágil a aplicação das leis. Os debates sobre direitos autorais, como a apropriação de fotos e matérias, estão na agenda do dia e As indicações de netiqueta,

²⁷ MORAES, Maira. **Produtos interativos para consumidores multimídia**: discutindo a interatividade na era do bits. Bahia : [s.n.], 199-.

²⁸ No Globo On , por exemplo, os leitores opinam sobre a escolha da manchete, charges, fotos e matérias de primeira página, por meio das opções sim ou não.

²⁹ A título de ilustração, ver o Fórum disponibilizado pela Revista IstoÉ (<http://ww.zaz.com.br/istoe/>)

ainda que positiva, mostram-se mecanismo frágil para dar conta de questões tão complexas como esta³⁰.

Estudos dos usos

A prática da textualidade eletrônica, amparada em redes de alta velocidade e nas tecnologias digitais, explicita mudanças no mundo da comunicação e na atividade jornalística. A multiplicidade de experiências na rede e as interfaces com o jornalismo impresso torna difícil delinear os contornos e os caminhos do modelo de jornalismo digital.

As experiências na rede revelam que esse modelo é resultado da criação de novas estruturas e de remodelação de configurações existentes, tornando-se imperativo questionar os próprios conceitos e categorias que tradicionalmente caracterizam os veículos de massa e que não se aplicam à Internet³¹.

Se, por um lado, o modelo de jornalismo digital encontra-se em construção, o que torna o campo instável e nebuloso quanto a cenários futuros, por outro, não podem ser subestimadas as práticas executadas na rede. Do final da década de 80 - quando provedores americanos começaram a oferecer serviços de notícia personalizados – até hoje, as experiências na rede multiplicam-se. Segundo Eric K. Meyer, consultor norte-americano em mídia, estima-se que o número de sites jornalísticos atinja a marca dos 5 mil em todo o mundo, com significativa participação dos periódicos brasileiros³².

Urge-se, portanto, a realização de pesquisas aplicadas acerca dessas experiências, de forma a identificar os usos culturais na rede, pautados por níveis diferenciados de aplicação das potencialidades oferecidas pelo hipertexto eletrônico. Afinal, o potencial da textualidade eletrônica se realiza nas conexões e nós da rede hipertextual, transformando-se e recriando-se a partir dos seus usos.

Referências bibliográficas

³⁰ Sobre essa discussão, ver BOURDIER, Jean-Charles. La révolution des technologies de l'information. Texto disponível no CD Sociocibernética e Comunicação, organizado pelo prof. Dr. Delfim Soares, do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense.

³¹ Sobre a necessidade de se desenvolver novos modelos teóricos para compreender a Internet, ver MORRIS, Merrill, OGAN, Christine. **The Internet as mass medium** [on line]. Disponível: <http://www.usc.edu/detp/annenberg/vol1/issue4/morris.html> .

³² MEYER, Eric K. An unexpectedly wider web for the world's newspapers. **AJR News Link** [on line], EUA, jun. 1999. Disponível: <http://www.ajrd.newslink.org/emcol10.html> .

JUNIOR, José Afonso da Silva. Interatividade e jornalismo on-line : possibilidade de reconfiguração do jornalismo contemporâneo na sociedade da informação. In: NICOM, Salvador, out. 1998.

LANDOW, George P. Hypertext : the convergence of contemporary critical theory & technology. Disponível: <http://landow.stg.brown.edu/nt/contents.htm>

_____(org). Qué puede hacer el crítico? – la teoría crítica en la edad del hipertexto. Barcelona : Paidós, 1997, p. 17 – 68.

LÉVY, Pierre. O que é virtual? São Paulo : Ed. 34, 1996.

_____. As tecnologias da inteligência : o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1993.

MACHADO, Arlindo. Hypermedia : the labyrinth as metaphor. Disponível: <http://www.pucsp.br/~cos-puc/arlindo/hypermed.htm>

MANTA, André. Guia do jornalismo na Internet. Disponível: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/manta/guia/cap02.htm>

MCADAMS, Melinda. Inventing an Online Newspaper. Disponível: listerserver@guvm [listerserver@guvm.georgetown, edu]. Julho, 1995.

MORAES, Maira. Produtos interativos para consumidores multimídia : discutindo a interatividade na era do bits. Bahia : [s.n.], 199-.

MURAD, Angèle. Oportunidades e desafios para o jornalismo na Internet. Cibelegenda [on line], n.2, 1999. Disponível: <http://www.uff.br/mestcii/rep.htm> .

PALÁCIOS, Marcos. Hipertexto, fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva. Disponível: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/hipertexto.html> .

PARENTE, André. O hipertextual. Famecos [on line], Rio Grande do Sul, 1999. Disponível: <http://ultra.pucrs.br/famecos/10-17.html> .

PRIMO, Alex F. T. , CASSOL, Márcio, B. F. Explorando o conceito de interatividade : definições e taxonomias. Espiral Interativa [on line]. Disponível: <http://usr.psico.ufgrs.br/~aprimo/pb/espiralpb.htm>

PRIMO, Alex F. T. Seria a multimídia de fato interativa? Espiral Interativa [on line]. Disponível: <http://usr.psico.ufgrs.br/~aprimo/pb/espiralpb.htm>

RICH, Carole. Redação jornalística para a Web : um estudo para o Instituto Polynter de Estudos de Mídia. Tradução de José Antônio Meira da Rocha/Agência Experimental de Jornalismo da Unisinos. [S.I. : s.n., 19--].